

## TEXTOS

(Sugestões para seminários)

### PERÍODO CONFUSO DA HISTÓRIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (Stanley Hilton)

“...não houve na história contemporânea do Brasil período mais confuso que o do governo provisório. A derrubada da república velha abriu a caixa de Pandora. A própria Aliança Liberal era uma coalisão inviável, uma vez que o inimigo comum fora eliminado. Basta citar, como símbolo nítido da incompatibilidade inerente à Aliança, a presença simultânea em suas fileiras de Artur Bernardes e dos tenentes.

Depois de outubro de 1930, o número de movimentos, partidos, clubes, alianças, legiões, agremiações e associações, representando todos os matizes, foi atordoante. E dentro de cada um ou cada uma havia divisões, facções, alas, subcorrentes, contracorrentes, esquerdas, centros, direitas, vanguardas e retaguardas. Floresceram comunistas, socialistas, fascistas, federalistas, autonomistas, regionalistas, nacionalistas, classistas, corporativistas, tenentistas, constitucionalistas e todos os “istas” que se possa imaginar. Às divergências ideológicas ou políticas se juntavam, logicamente, rivalidades e ambições individuais.

Dessa babel política Getúlio Vargas, homem eminentemente pragmático e oportunista, beneficiou-se pessoalmente; entretanto, quando se leva em conta as informações incompletas, inexatas, parciais e quase sempre contraditórias que chegavam a suas mãos, é difícil aceitar a idéia de que ele, para usar o argumento extremo, ficava no palácio Guanabara maquiavelmente puxando os cordéis e manobrando as pessoas, embora lhe fosse cada vez mais agradável essa fama.

**(1932: a guerra civil brasileira: história da revolução constitucionalista, 32-33. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. (Coleção “Brasil-Século XX”).**

## O CARÁTER DE ATENAS (de um discurso de Péricles)

(...) Para amenizar o trabalho, procuramos muitos recreios para a alma; instituímos jogos e festas que se sucedem a cada ano; e diversões que diariamente nos proporcionam deleite e diminuem a tristeza. A grandeza e a importância de nossa cidade atraem os tesouros de outras terras, de modo que não só desfrutamos dos nossos produtos como daqueles do universo inteiro.

No que se refere à guerra, somos muito diferentes de nossos inimigos porque permitimos que nossa cidade seja aberta a todas as gentes e nações, nem vedar nem proibir a qualquer pessoa que adquira informes e conhecimentos, ainda que sua revelação possa ser proveitosa a nossos adversários; pois confiamos tanto em preparativos e estratégias como em nosso animo e vigor na ação.

Outros, no que se refere à educação, acostumam, mediante um treinamento fatigante desde crianças, sua potência viril; nós, apesar de nossa forma de viver, não somos menos ousados e valentes para afrontar o perigo quando a necessidade o exige. Boa prova disso é que os lacedemônios jamais se atreveram a entrar em nossa terra sem que estejam acompanhados de todos os aliados; enquanto que nós, sem ajuda nenhuma, fizemos incursões no território de nossos vizinhos e muitas vezes, sem grandes dificuldades, derrotamos em país estrangeiro a adversários que defendiam seus próprios lares.

(...) E efetivamente preferimos o repouso e o sossego quando não estamos obrigados, por necessidade, ao exercício de trabalhos penosos e, também, ao exercício de bons costumes, a viver sempre com o temor das leis; de forma que não nos expomos ao perigo quando podemos viver tranquilos e seguros, preferindo a força da lei ao ardor da valentia. Temos a vantagem de não nos preocupar com as contrariedades futuras. Quando chegam estas, as enfrentamos com boa têmpera, como os que sempre estiveram acostumados com elas.

Por estas razões e muitas mais ainda, nossa cidade é digna de admiração. Ao mesmo tempo em que amamos simplesmente a beleza, temos uma forte predileção pelo estudo. Usamos a riqueza para a ação, mais que como motivo de orgulho e não nos importa confessar a pobreza, somente considerando vergonhoso não tratar de evitá-la.

(...) Atenas possui mais fama que as demais (cidades). É a única cidade que não dá motivos de rancor a seus inimigos pelos danos que lhes inflige, nem desprezo a seus súditos pela indignidade de seus governantes. Esta grandeza é demonstrada por importantes testemunhos e de uma maneira definitiva para nós e para nossos descendentes. Eles nos terão uma grande admiração sem que tenhamos necessidade de elogios de um Homero, nem de qualquer outro, para adornar nossos feitos com elogios poéticos, capazes de seduzir mas cuja ficção contradiz a realidade das coisas.

É sabido que, graças ao nosso esforço e ousadia, conseguimos que a terra e o mar por inteiro fossem acessíveis a nossa audácia, deixando em toda parte monumentos eternos das derrotas infligidas a nossos inimigos e de nossas vitórias.

(...)

(Moreira, Adriano/Bugallo, Alejandro/  
Albuquerque, Celso - **Legado político  
do Ocidente: o Homem e o Estado:**  
29-30. São Paulo, Difel, 1978).